AS ETNIAS BORA E UITOTO NO OLHAR DE THOMAS WHIFFEN NA OBRA: “O NOROESTE AMAZÔNICO: NOTAS DE ALGUNS MESES QUE PASSEI ENTRE TRIBOS CANIBAIS”

Ademir Júnior de Souza PIRES¹;

1.Universidade Federal de Rondônia - ademir_jsp@hotmail.com.

RESUMO: Este artigo pretende investigar o tipo de discurso que tem se disseminado na literatura/relato de viagem escrita sobre a Amazônia, em específico no livro “O Noroeste Amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais”, de Thomas Whiffen (2019), com tradução para o português de Hélio Rocha, buscando revelar o olhar do colonizador. Pretende-se mostrar como esse discurso tem sido engendrado a leitores do chamado “Primeiro Mundo” e quais percepções eles podem ter sobre a região amazônica. Como referência teórica temos autores cuja teoria lança luz sobre a relação entre poder e conhecimento. Tais autores que examinaram o discurso colonialista, são eles, Pratt (1992), Said (1993) e Quijano (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Relato de viagem. Colonialismo. Amazônia.

INTRODUÇÃO

O livro intitulado “The north-west Amazons: notes of some months spent among cannibal tribes”, de autoria do militar inglês Thomas Whiffen com a colaboração do barbadiano John Brown, publicado originalmente em 1914, é resultado das anotações de Whiffen a respeito de sua viagem pela Amazônia entre os anos de 1908 e 1909. A tradução para o português ficou com o título de “O Noroeste Amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais” (2019). Traduzida pelo professor Hélio Rocha, doutor em Teoria e História Literária atuante como docente junto ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

A obra é distribuída em vinte capítulos os quais apresentam de forma detalhada vários aspectos, tais como, geográficos, gastronômicos, históricos, antropológicos que, segundo o professor Hélio Rocha, “O estudo analisa a maneira pela qual os povos indígenas, sobretudo os Bora e os Uitoto, se relacionam com seu território”.

Além disso, descreve os seus modos de vida, incluindo suas casas, agricultura, comida, armamento, guerra, vestimentas, saúde, remédio, canções e danças, magia e religião, organização tribal, o status social das mulheres e sua reação a estranhos.

A prática do canibalismo também é abordada e Whiffen sugere possíveis razões para isso, incluindo vingança e insulto supremo aos inimigos, a necessidade de consumir toda a carne disponível e o desejo de absorver algumas características do morto. Os apêndices incluem uma lista detalhada das características físicas, divindades, vocabulários, e nomes dos nativos da América do Sul e um exemplo de poesia indígena.

Whiffen também pondera na obra, de forma encoberta, o brutal processo de escravização, e consequente dizimação, por parte da empresa Peruvian Amazon Company, de capital misto inglês/peruano, através de seu agente local Júlio Cezar Araña, submetendo esses nativos a um tratamento desumano para extrair da floresta o caucho nativo.

A narrativa de whiffeniana mostra uma visão colonialista/eurocêntrica dos povos e tradições amazônicas, uma explicação possível para o pensamento do autor é que o seu relato apresenta uma perspectiva evolucionista, etnocêntrica e por vezes eurocêntrica e, de tal modo, que o viajante acreditava no progresso e no desenvolvimento das sociedades ditas “primitivas”. Este trabalho visa investigar esse tipo de discurso na literatura/retrato de viagem escrita sobre a Amazônia, em específico no livro “O Noroeste Amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais”, buscando revelar o olhar do colonizador na literatura whiffeniana. Com isso, nos deparamos com uma problemática, a Literatura e a Antropologia, são ciências participantes uma da outra, através delas pode-se analisar uma sociedade em sua complexidade? Nesse sentido, temos a hipótese de que, desde o século XVI a Amazônia tem passado por diferentes olhares e sendo disseminado um discurso colonialista, mais especificamente na literatura de viagem escrita sobre a Amazônia e seus povos.

Todas essas representações etnográficas sobre os Bora e os Uitoto confirmam a visão primitivista a qual Whiffen estava engessado, repetindo, inúmeras vezes, construções discursivas estereotipadas que fazem parte do olhar antropológico de seus predecessores. Não são sem motivo que ele usa inúmeras outras narrativas de viagem para confirmar algumas afirmativas sobre os nativos.

Para analisar o tipo de discurso usado por Whiffen em sua obra, no estudo teórico utilizamos autores, cuja teoria lança luz sobre a relação entre poder e conhecimento. Tais autores examinaram o discurso colonialista na literatura, são eles Pratt (1992), Said (1993), Quijano (2009).

O olhar colonizador de Whiffen

Para o escopo deste estudo, com base bibliográfica, utilizamos os teóricos que abordam a respeito do pós-colonialismo, a relação de colonialidade do poder e classificação social. Inicialmente, o pós-colonialismo analisava apenas as consequências do colonialismo europeu, em seguida, a abordagem se ampliou e passou a considerar ainda o imperialismo dos Estados Unidos e a exclusão geral das minorias como processos ligados a um tipo de colonialismo moderno.

Um dos primeiros expoentes dos estudos pós-coloniais é Edward Said (1993), que trata, no seu livro intitulado “Orientalismo”, a força do discurso cultural do ocidente e a ocidentalização como uma estrutura de dominação cultural para os povos outrora colonizados. Para Said, a noção de “modernidade ocidental” generaliza e ignora todas as diferenças existentes entre tão diversas culturas, ao mesmo tempo em que as inferioriza sob uma caricatura atrasada e exótica que não corresponde à realidade, mas sim à representação culturalmente construída pelas metrópoles.

Nesse sentido podemos notar a visão colonizadora/ocidental/civilizada de Whiffen em vários trechos de seu relato sobre os indígenas do noroeste amazônico, em especial os Bora e os Uitoto, com os quais teve contato direto, ele assegura que

Em TODAS as raças selvagens, povos de cultura inferior, não há diferenciação de indivíduo para indivíduo, ou seja, todos os membros da raça ou do grupo estão, aproximadamente, em mesmo nível. Isto é o que conhecemos como “baixo estado de civilização”. (WHIFFEN, p.363)

Thomas Whiffen também se mantém apoiado em pelo menos dois componentes da visão de seus antecessores: a) civilização - pois "Ele (o viajante) atravessou a ponte da era da civilização e voltou para a barbárie no recanto degradado do barranco do rio, b) - comércio (para Whiffen o comércio existente entre os indígenas era bastante desorganizado), Whiffen afirma ainda que

Tudo aponta para a conclusão de que essas tribos adentraram a floresta em uma condição muito primitiva. A floresta os deteve lhes atrofiou o crescimento, mas não os mergulhou de volta à Idade da Pedra. As próprias pedras negam, porque a pedra não é o substituto natural do ferro nessas regiões (WHIFFEN, 2019. p. 379).

No que diz respeito à religião, dos povos indígenas do noroeste amazônico, terceiro elemento da tríade colonialista, Whiffen ajuíza que, a religião, no sentido aceito pelos europeus, não existe entre os Bora e os Uitoto. No entanto, ele mesmo se contradiz quando registra

Os nativos acreditam em muitas coisas, eles acreditam na existência de espíritos superiores do bem e espíritos superiores do mal; mas as suas crenças são sempre imprecisas, um tanto quanto incompreendidas até mesmo por eles. Em certa medida, cabe ao pajé, o principal sacerdote do sistema mágico-religioso indígena, modificar, ou até mesmo desconsiderar qualquer crença em curso. (WHIFFEN, 2019, p. 321).

Segundo Quijano (2009), essa visão que concebe a humanidade segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos é propagada desde o século XVIII, sobretudo com o Iluminismo.

Ainda a respeito disso, Sartre no prefácio da obra “Os condenados da Terra”, de Frantz Fanon (1968), cita que o colonizado não se assemelha ao homem. Assim, os habitantes do território eram rebaixados ao nível de “macaco superior” para validar a ideia de que o colono tem o direito de tratar os colonizados como “bestas de carga”, desumanizando-os a esse ponto.

Complementa Mary Pratt (1999), faz dessa tendência colonialista, na literatura de viagem, é que o colonizador pretende justificar sua intervenção minimizando a presença do colonizado, descrevendo apenas a paisagem da terra e suas riquezas naturais. Os habitantes da terra ficam, então, a mercê da descrição do colonizador, que, quando os menciona, os classifica como indolentes, preguiçosos, e de costumes estranhos.

Whiffen legitima a inferioridade dos povos indígenas, em seu relato de viagem, justificando que o estado de baixa civilização dos indígenas se deve ao fato da inexistência de religiosidade e patriotismo, pois conforme ele, são apreciadas como condições que desencadeiam o progresso, quando diz

Sugeriu-se que tal nível de estagnação, a falta de iniciativa, em suma, de progresso, se deve à ausência de religião. Um ideal religioso indubitavelmente leva ao progresso e, com exceção ao patriotismo - que, afinal, é um ideal religioso - é a principal força motriz. (WHIFFEN, p.363

Ao criticar sobre como o colonizador percebe o colonizado, Fanon (1968) ressalta que para o olhar eurocêntrico a ausência destes valores é percebida como retrocesso, já que para o colonizador a imposição da religião cristã é uma das formas de combater todos os maus costumes dos indígenas.

Segundo Whiffen, a característica dominante no indígena é uma circunspeção profunda e nervosa. O extremo nervosismo da sua conduta é, indubitavelmente, devido ao costume do consumo de coca. Afetando todas as condições do intercuro social. Faz com que o caráter do indígena seja extremamente negativo. (WHIFFEN, 364).

Para Fanon (1968) o indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação de valores. É, ousemos confessá-lo, o inimigo dos valores. Neste sentido é o mal absoluto. Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima, elemento deformador, que desfigura tudo o que se refere à estética ou à moral, depositário de força maléfica, instrumento inconsciente e irrecuperável de forças cegas [...] Os costumes dos colonizados, suas tradições, seus mitos, sobretudo seus mitos, são a própria marca desta indigência, desta depravação constitucional.

A relação feita por Whiffen de que os indígenas não “prosperam” por não possuir religião é fruto do colonialismo, na qual os julgamentos eurocêntricos encobrem a cultura do outro, não sendo respeitada pelo estrangeiro, temos como exemplo a chegada dos europeus no que hoje conhecemos como Brasil, a hecatombe ocorrida com as populações indígenas litorâneas e mais tarde as que foram encontradas por bandeirantes.

Segundo Said (1994), esses estereótipos foram infinitamente importantes na formação de referências e experiências colonialistas/imperialistas. Havendo uma associação da Amazônia com o meio-ambiente, principalmente após a morte do líder seringueiro Chico Mendes, muitos estrangeiros vêm para a Amazônia com uma bagagem de leitura sobre a região.

Por isso, embora observem pessoalmente o que acontece, veem o que querem ver e escrevem o que para eles é a verdade e o que querem divulgar para o chamado “Primeiro Mundo”. Assim, estamos sujeitos a avaliações críticas de acordo com valores que não são os nossos. Para Spurr

(1993), o discurso colonialista é uma forma de criar a realidade e de responder a ela e é imensamente adaptável em sua função de preservar as estruturas básicas do poder.

CONCLUSÃO

Essa consciência colonialista/imperialista tem produzido o que chamamos de 'Discurso Colonialista'. Atualmente, esse discurso é mais sutil do que no período da colonização. Mas ainda transmite, de acordo com Edward Said (1990), "noção coletiva que identifica a “nós” europeus em contraste com todos “aqueles” não-europeus: a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus”.

Além disso, os relatos amazônicos têm sido alvos constantes dos discursos colonialistas, conseqüentemente, seus habitantes também são alvos desse discurso, e apenas podem falar através do imaginário europeu, ou do que podemos chamar “Países Desenvolvidos”, cujos valores são supostamente superiores usados para julgar e criticar os habitantes da Amazônia porque, como mostra a epígrafe com a citação de Karl Marx em Said (1990), eles "não podem representar a si mesmos, devem ser representados".

Nesse sentido é o que faz Thomas Whiffen em seu relato, apresenta por muitas vezes a cultura indígena à luz do arcabouço cultural europeu, chamando por diversas vezes a cultura indígena como primitiva, selvagem, apresentando os indígenas como seres animais e “incivilizados”. Tais discursos, portanto, podem ser entendidos como uma série de segmentos descontínuos que se combinam de várias formas a serviço do poder; e o poder pode ser entendido não apenas como o privilégio da lei, da proibição e da soberania, mas como um campo móvel e múltiplo de relações de força, onde efeitos de dominação são produzidos. É nesse sentido que a busca pelo conhecimento e sua aclamada obtenção servem como arma para a dominação.

O colonizador, através da manipulação de conhecimento e de uma suposta verdade, mantém o controle sobre outros povos. A partir daí, surgem as justificativas para essa dominação: o colonizado é mencionado como preguiçoso, violento, desajustado, incapaz de governar a si próprio, necessitando assim de alguém "superior" para trazer-lhe o progresso e uma vida melhor.

Essa visão colonial/eurocêntrica/capitalista corroborou para escravidão, a exploração e o etnocídio dos povos não europeus nas Américas. As consequências desse processo, iniciado na colonização, ainda se fazem presente sob novas formas no século XXI. O qual a modernidade e a globalização capitalista não aboliram as desigualdades políticas/econômicas e as formas violentas de exclusões raciais sobre os povos indígenas e afro-brasileiros. São esses novos modos de pensar e compreender a realidade latina, a partir dos pensamentos pós-coloniais e decoloniais, que se destacam teóricos como, Dussel, Mignolo, Quijano e Said que são imprescindíveis à introdução de novos paradigmas explicativos sobre a historiografia dos povos indígenas e africanos.

THE BORA AND UITOTO ETHNICIANS IN THE VIEW OF THOMAS WHIFFEN IN THE WORK: “THE NORTHWEST AMAZON: NOTES FROM SOME MONTHS THAT I SPENT BETWEEN CANNIBAL TRIBES”

ABSTRACT:This article intends to investigate the type of discourse that has been disseminated in the literature/travel report written about the Amazon, specifically in the book “The Northwest Amazon: notes of a few months I spent among cannibal tribes”, by Thomas Whiffen (2019), with translation into Portuguese by Hélio Rocha, seeking to reveal the look of the colonizer. It is intended to show how this discourse has been engendered to readers of the so-called "First World" and what perceptions they may have about the Amazon region. As a theoretical reference we have authors whose theory sheds light on the relationship between power and knowledge. Such authors who have examined the colonialist discourse are Pratt (1992), Said (1993) and Quijano (2009).

KEYWORDS: Travel report. Colonialism. amazon

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Civilização brasileira, 1968.

HARDENBURG, Walter. **O paraíso do diabo: relato de viagem e testemunho das atrocidades do colonialismo na Amazônia**. Trad. Hélio Rocha São Carlos: Editora Scienza, 2016

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. de Jézio HernaniBonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In. **Epistemologias do Sul**. 2017.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo – O Oriente Como Invenção Do Ocidente.** Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

SPURR, David. **The rhetoric of empire: colonial:** Discourse in journalism, travel writing and imperial administration. Durham: Duke UP, 1993.

WHIFFEN, Thomas. **O noroeste Amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais.** Tradução Helio Rocha. Rio Branco: Nepan, 2019.